

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## A DISPUTA DE DEUS CONTRA OS SACERDOTES NA DENÚNCIA PROFÉTICA DE MALAQUIAS: O DESPREZO DA INTIMIDADE, DA ADORAÇÃO E DA ORIENTAÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

The dispute of God against the priests in the prophetic denouncement of  
Malachi: the despite of intimacy, worship and guidance and their consequences

Rodrigo Mathias Rangel<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo analisou a denúncia profética de Malaquias (1.6-2.9) contra os sacerdotes sob a forma de disputa. Esta forma de redação, com perguntas retóricas, visa expor o afastamento de uma classe, que deveria ser padrão ao povo, em toda forma de conduta e vida. Mas, que por opção, resolveu não só viver o sacerdócio de qualquer maneira, como também levar todo o povo a pecar e, assim, afastar-se do Senhor. Em uma dinâmica crescente, desprezaram o nome do Senhor, expressão da intimidade, o seu altar, representação da adoração e a sua lei, a orientação protetora. Consequentemente experimentaram as duras ameaças da fala profética de Malaquias, que segue as mesmas características dos demais profetas menores, ou seja, denuncia, possibilidade de castigo, convite ao arrependimento e, por fim, esperança.

**Palavras-chave:** Denúncia. Sacerdócio. Pecado.

### ABSTRACT

This article aims to analyze the prophetic denunciation of Malachi (1.6-2.9), against the priests in the form of dispute. This form of writing, with rhetorical questions, aims to expose the departure of a class, which should be the standard for the people, in every form of conduct and living. But who, by choice, decided not only to live the priesthood

<sup>1</sup> Teólogo com ênfase em exegese, especialista em liderança e pastoreio pela FABAPAR e especialista em formação de docentes para EAD pela UNINTER, Mestrando em teologia pela FABAPAR. E-mail: [rev.pr.rodrigorangel@gmail.com](mailto:rev.pr.rodrigorangel@gmail.com)

anyway, but also to lead the whole people to sin, and thus, to move away from the Lord. In a growing dynamic, they despised the name of the Lord, expression of intimacy, his altar, representation of worship and his law, protective guidance. Consequently, they experienced the harsh threats of Malachi's prophetic speech, which follows the same characteristics of the other minor prophets, that is, denunciation, possibility of punishment, invitation to repentance and finally hope.

**Keywords:** Denounce. Priesthood. Sin.

## INTRODUÇÃO

O estudante do Antigo Testamento já percebeu que os nomes, sejam de localidades ou personagens, muitas vezes fazem mais do que o reconhecimento geográfico ou de um indivíduo. Eles expressam, caráter, destino, função ou acontecimentos. Nesse sentido, o nome do profeta identificado como Malaquias é muito pertinente, uma vez que este nome significa “meu mensageiro”. E esta foi a função principal: levar uma mensagem de Deus ao povo, que novamente estava se desviando dos caminhos do Senhor.

Basicamente, cem anos após o cativeiro na Babilônia, Israel já estava novamente vivendo longe de Deus e desobedecendo a lei. Malaquias levanta sua voz para denunciar os erros que estavam sendo cometidos por Israel e isso, de forma generalizada, os governantes, os sacerdotes e o povo em geral. Como o texto bíblico, em destaque nesta pesquisa, não traz detalhes de quem é Malaquias ou informações familiares, alguns estudiosos acreditam ser um pseudônimo. Entretanto, Bruce argumenta:

Não sabemos absolutamente nada acerca do autor, exceto o que é revelado acerca da sua personalidade por meio desse livro. Como no caso de Obadias e Habacuque, os nomes dos seus pais e seu local de origem não são revelados, tampouco sua profecia está associada no sobrescrito a alguma época específica da história de Israel (embora as evidências internas tornem clara a data aproximada; cf. a seguir). Até mesmo o nome do profeta é incerto, pois “Malaquias” significa simplesmente “meu mensageiro” (assim traduzido em 3.1) e, em vista da sua ausência como nome próprio no restante do AT, é considerado por alguns eruditos um pseudônimo ou o título de um editor. Esse parece ter sido o ponto de vista do tradutor grego que produziu essa parte da Septuaginta, que traz “seu mensageiro”, embora o Targum de Jônatas (uma paráfrase aramaica dos livros proféticos datada do século IV ou V d.C., mas que contém tradições muito mais antigas) lhe atribua (com uma identificação rabínica caracteristicamente improvável) o nome “Esdras, o escriba” (assim Jerônimo e Calvino). Toda a questão, em última análise, é controversa e talvez não seja importante; mas é possível que esse nome desconhecido em outros contextos, Malaquias, tenha sido de fato o nome real do profeta (grifo nosso).<sup>2</sup>

Seja quem for essa personagem, o que se destaca, certamente, é a denúncia das práticas erradas. Violação do sábado, casamentos com mulheres estrangeiras, retenção dos dízimos, injustiça social e sacerdotes cada vez mais relapsos e compactuantes com a corrupção,

---

<sup>2</sup> BRUCE, Frederick Fyvie (Edit. Geral). **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2009, p. 1372.

problemas cíclicos na história do povo que precisavam ser novamente confrontados. Mas, como a denúncia não está desassociada da esperança do arrependimento, ao fazê-lo o povo veria a manifestação do tão esperado Messias. Nesse sentido, MacArthur afirma:

Malaquias escreveu a profecia final do AT, entregando a mensagem de julgamento de Deus sobre Israel por seus pecados contínuos e a promessa de Deus de que um dia, no futuro, quando os judeus se arrependessem, o Messias seria revelado e as promessas da aliança de Deus seriam cumpridas. Houve cerca de quatrocentos anos de silêncio divino, apenas com as palavras de Malaquias ressoando a condenação em seus ouvidos, antes que outro profeta chegasse com a mensagem de Deus. Esse foi João Batista, que pregou: “Arrependam-se, pois o Reino dos céus está próximo” (Mt 3.2). O Messias havia chegado.<sup>3</sup>

Para chamar a atenção do povo quanto a mensagem profética, Malaquias estabelece seu discurso baseado em disputas (debate), utilizando a forma de perguntas e respostas. A maioria das seções começam com Deus dizendo algo, fazendo uma reivindicação ou fazendo uma afirmação. E Israel, por sua vez, discorda ou questiona a declaração de Deus, que responde e oferece a última palavra. Essa dinâmica acontece várias vezes. Sobre isso, corrobora Bruce:

A característica literária fundamental do livro é o uso do método do debate, que introduz cada seção principal. Assim, há geralmente uma afirmação introdutória (e.g., “‘Eu sempre os amei’, diz o Senhor”, 1.2), seguida de uma pergunta, com freqüência uma objeção ou resposta colocada na boca dos ouvintes do profeta (“Mas vocês perguntam: ‘De que maneira nos amaste?’”), que por sua vez é seguida de uma ampliação do tema e reforço do ponto do debate (comp. Is 40.27-28; Jr 2.23-37; Ez 12.21-28; Mq 2.6-11). As palavras colocadas na boca dos oponentes do Senhor não devem necessariamente ser consideradas declarações reais dos ouvintes; antes, representam as atitudes e ações do povo como o profeta as entende. Dessa forma, ele expõe claramente aos ouvintes a verdadeira identidade deles, sua rebeldia contra Deus e sua necessidade de arrependimento.<sup>4</sup>

Sendo assim, o estilo de Malaquias está, muito mais, para a palavra falada, do que para uma obra literária cuidadosamente pensada. O profeta leva a sua mensagem à praça pública para confrontar o povo, ao invés de registrar mecanicamente a palavra de Deus.

Uma dessas falas se refere aos sacerdotes, aos seus pecados e prevaricações. O templo já estava reconstruído, os sacrifícios já tinham retornado, mas as práticas sacerdotais estavam muito aquém do que o Senhor havia estabelecido. A dinâmica das disputas de Deus com seu povo, no texto de Malaquias, parece lembrar que Deus antes de tratar com as nações, primeiro trata com Seu povo. E ao tratar o seu povo, inicia pelas suas lideranças em especial com as de responsabilidades cultuais.

Apesar do texto ser formado por várias disputas, o foco deste artigo ficará na palavra de acusação de Deus contra o sacerdócio (1.6-2.9). Por mais contrastante que possa parecer,

---

<sup>3</sup> MACARTHUR, John F. **The MacArthur New Testament**: Ephesians. Chicago: The Moody Bible Institute, 1986, p. 1906.

<sup>4</sup> BRUCE, 2009, p. 1373.

aqueles que eram os responsáveis por manter a espiritualidade em padrões elevados, estavam justamente fazendo com que o povo se afastasse de Deus. Essas práticas não ficaram despercebidas e dentro da denúncia profética foram tratadas com severidade.

## 1. DESPREZO PELO NOME

Desprezar o nome do Senhor é recusar diretamente a intimidade com o Deus de Israel. Vale lembrar que o sacerdócio não poderia ser exercido por qualquer pessoa, ele obrigatoriamente era o ofício dos descendentes de Levi. Ao retornar à história de Israel é possível lembrar que a tribo de Levi não tinha direito a herança na Terra prometida, mas pelo seu serviço sacerdotal, a herança deles era o próprio Senhor. Sendo assim, ao desprezar o “nome” estavam desprezando tudo o que está a Ele associado.

A denúncia de Malaquias teve como resposta uma pergunta: “em que desprezamos nós o teu nome?”. Ao responder, o profeta deixa claro que o desprezo com a mesa e todo o sistema sacrificial está relacionado com o nome. Ao não procederem com o sacrifício como ordenado, estavam menosprezando a presença e conseqüentemente a intimidade que os levitas tinham de forma diferenciada. Estavam tratando como comum aquilo que era santo e separado.

Oferecer ao Senhor aquilo que nem mesmo os homens aceitariam ilustra bem a qualidade do serviço prestado, em adoração, a Deus. Isso desencadeou a acusação de roubo na disputa de Deus com o povo, a falta de exemplo da liderança abriu precedentes para que todos pudessem “viver” e “fazer” o que bem entendessem. Assim, a corrupção tornou-se generalizada, o sacerdócio recebia animal cego, coxo e doente, diziam que estava “sem defeito” e após isso entregavam no altar. Sobre isso Greathouse conclui:

O versículo 8 especifica as acusações. Os sacerdotes dedicavam a Deus **animal cego, coxo e enfermo**. Tratava-se de acintosa violação da lei, que dizia: “Porém, havendo nele algum defeito, se for coxo, ou cego, ou tiver qualquer defeito, não sacrificarás ao SENHOR, teu Deus” (Dt 15.21). Em sua forma mais pura, sacrificar significava ofertar a Deus algo tão valioso quanto possível como símbolo de auto consagração voluntária. Quando os sacerdotes ofereciam animais doentes e aleijados, na verdade zombavam da instituição do sacrifício. Pelo visto, os sacerdotes anunciavam: “Sem defeito!” Ao considerar que o sacrifício é apenas um símbolo, pode ser que racionalizassem que um tipo de oferta era tão boa quanto outra.<sup>5</sup>

Nesse sentido, é possível imaginar o quão profundo para a quebra da comunhão (intimidade) foi esse tipo de prática e o quão severa foi a palavra de denúncia.

## 2. DESPREZO PELO ALTAR

Na continuidade da denúncia, não somente a quebra da intimidade, mas o rompimento e o desprezo com o sistema de adoração e perdão de pecados pode ser observado, a partir do

---

<sup>5</sup> GREATHOUSE In: REED, Oscar F.; PEISKER, Armor D.; DUNNING, H. Ray; GREATHOUSE William M. Comentário bíblico Beacon - Volume 5: Oseias a Malaquias. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 352.

desprezo pelo altar. O texto profético tem um cumprimento histórico e um apontamento futuro. Nesse sentido, o fato em si era terrível para o momento histórico que estavam vivendo, pois os sacerdotes estavam levando o povo ao erro. Mas o apontamento para o sacrifício perfeito em Cristo Jesus estava sendo desfigurado, ou seja, o cordeiro perfeito sem mácula.

Não se pode esquecer que o Antigo Testamento é a sombra da verdade e tem por propósito manifestar, ainda que em parte, a revelação do sistema sacrificial perfeito, manifesto na obra de Jesus. Aquele que cumpriu cabalmente com o sistema sacrificial proposto é exemplificado na velha aliança.

Ao que parece, esse ponto foi tão nevrálgico que a denúncia profética de Malaquias salienta que Deus não precisaria da adoração malfeita de Israel, pois a terra toda o adoraria. Sobre isso Greathouse propõe a seguinte interpretação:

O versículo 11 apresenta uma grande declaração e muito debatida: Mas, desde o nascente do sol até ao poente, será grande entre as nações o meu nome; e, em todo lugar, se oferecerá ao meu nome incenso e uma oblação pura; porque o meu nome será grande entre as nações, diz o SENHOR dos exércitos. Desde os dias dos pais da Igreja este versículo tem sido interpretado como profecia da era messiânica e da adoração universal da igreja cristã. Deane escreve: “A linha do pensamento é esta: Deus não precisa da adoração dos judeus e de seus sacerdotes incrédulos; o Senhor não precisa de sacrifícios mutilados; a majestade divina será reconhecida pelo mundo inteiro, e toda nação debaixo do céu lhe oferecerá adoração pura”. Esta interpretação requer que a referência ao ritual judaico seja entendida metaforicamente: “A oblação pura é símbolo do sacrifício cristão de louvor e ação de graças; e o profeta, ao colocar-se acima das discriminações judaicas, anuncia que esta oração e sacrifício não estarão mais limitados especificamente a um país preferido, mas serão universais”.<sup>6</sup>

Claro que com o Novo Testamento em mãos e olhando para trás é muito mais fácil perceber essa dinâmica. Entretanto, se for observado o texto, apenas dentro dos limites históricos e sem aplicar a pessoa de Cristo, pode-se perceber que a quebra do sistema sacrificial colocava o povo em uma situação perigosa. Em primeiro lugar devido ao roubo, por não dar a Deus o que lhe era devido, em segundo lugar de injustiça, pois cobravam de Deus favor, e este imerecido diante da entrega apresentada e, por fim, a questão de não receber perdão, uma vez que os sacrifícios também faziam propiciação pelos pecados.

A dinâmica de afastamento iria invariavelmente comprometer a manifestação da presença divina. Aquilo que era tão caro ao povo desde os tempos de peregrinação no deserto, que havia se retirado do templo construído por Salomão, a presença manifesta ou a Glória, poderia novamente se retirar e as consequências eram bem conhecidas pelo povo.

### **3. DESPREZO PELA LEI**

O desprezo dos sacerdotes culmina ao negligenciar o serviço para o qual foram designados, quebrando completamente a lei e fazendo com que o povo se afastasse

---

<sup>6</sup> GREATHOUSE, 2005, p. 353.

completamente do processo de restauração que havia sido feito por Esdras logo após o retorno do cativo. De tal forma, que a fala profética, dentro da disputa, sugere o fechamento do templo e a interrupção definitiva dessa religião vazia e sem sentido.

Parece lógico que, se os sacerdotes já não primavam mais pela intimidade, não levavam mais em consideração o sacrifício e desprezavam as orientações da lei, já não restava mais nada. A base do relacionamento do povo com Deus girava em torno da obediência, os patriarcas viveram nessa dinâmica, os Juizes lutaram por isso, os reis experimentaram os prós e os contras e, por fim, os profetas chamaram a atenção para a necessidade de seguir o Senhor e a forma como faziam isso era pela observação da lei. Greathouse complementa que:

os sacerdotes consideravam suas funções um fardo intolerável. **Eis aqui, que canseira!** (13), lamentam-se. **E o lançastes ao desprezo** (ou “e torceste o nariz” para o altar, VBB). Muitos intérpretes pensam que a leitura deveria ser: “E torceste o nariz *para mim*”. Esta opção se baseia na suposição de que os escribas corrigiram o versículo para ter a leitura **o**, a fim de evitar o surgimento de irreverência (cf. ARA; NTLH). Quanto à roubado, a Versão Bíblica de Berkeley segue a Septuaginta e traduz por “tomado por violência”, ou seja, animais roubados. Este versículo visa primariamente os sacerdotes que, como funcionários corruptos, permitem que esta prática continue. O versículo a seguir condena os que levam tais ofertas. A congregação foi corrompida pelo sacerdócio. Neste caso, era “tal sacerdote, tal povo” (ao contrário de Os 4.9). Ao seguirem o exemplo dos sacerdotes, os adoradores eram mesquinhos e fraudulentos.<sup>7</sup>

Ao olhar atentamente para a denúncia, o que parece claro como pano de fundo é o desprezo pela orientação e isso acabou por desencadear os anos de silêncio. Após essas denúncias, a voz profética ficou em silêncio por quatrocentos anos, é como se Deus estivesse dizendo “já que não vão obedecer às minhas orientações, vou me calar até o tempo oportuno”.

#### 4. CONSEQUÊNCIAS PARA O SACERDÓCIO

A dinâmica profética não foge à regra em Malaquias que segue a estrutura de denúncia, possíveis consequências, convite ao arrependimento e esperança. Nesse sentido, o entendimento de que nada passa despercebido aos olhos do Senhor e que tudo será devidamente julgado ao seu tempo é perceptível.

A palavra de condenação veio na mesma intensidade dos erros cometidos pelos sacerdotes. O desprezo com que estavam tratando as coisas de Deus, seria diretamente proporcional ao desprezo do Senhor para com eles. Isto parece ficar claro nos termos e nos símbolos usados pelo profeta. Assim, é descreve Greathouse:

**Corromperei a semente**, ou “a vossa descendência” (VBB), **e espalharei esterco sobre o vosso rosto, o esterco das vossas festas** ou “das vossas ofertas” (RSV). Aqui, “esterco” não significa o excremento dos animais, mas o conteúdo dos intestinos das vítimas mortas. Pelo visto, a última frase: **E com ele sereis tirados**, significa que os sacerdotes serão retirados da cidade

<sup>7</sup> GREATHOUSE, 2005, p. 354.

junto com o esterco dos sacrifícios (cf. Lv 4.12). Assim, os sacerdotes ficarão totalmente degradados. Como Deus disse a Eli: “Aos que me honram, honrarei, porém os que me desprezam serão envilecidos” (1 Sm 2.30).<sup>8</sup>

É possível observar o castigo no mesmo sentido da afronta. O texto anterior a perícopes abordada neste artigo, inicia com a lembrança da paternidade de Deus sobre Israel e a questão da honra. Note que a expressão “corromperei a semente” aponta para a questão da semente dos sacerdotes, ou seja, filhos. A corrupção traria vergonha para o nome do pai e desonra à família. O esterco sobre o rosto faria com que fosse visível a inutilidade para o serviço do altar, uma vez que o sacerdote deveria estar totalmente limpo para poder executar suas funções cerimoniais que seriam arrancados da cidade juntamente com os excrementos em total humilhação.

Certamente o castigo proposto por Deus tinha uma função didática. Mostrar a justiça e o zelo de Deus e estabelecer os limites para o povo, caso o desprezassem novamente. Greathouse, citando Pusey, observa que: “Deus quis punir aqueles que então se rebelaram contra o Senhor para que pudesse poupar os que os substituiriam’. Age assim porque é o Deus do concerto”.<sup>9</sup> E aqui o ciclo do castigo volta-se para a lei, ou seja, o castigo pelo desprezo do nome, do altar e da lei estava devidamente julgado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A voz profética de Malaquias, “meu mensageiro”, precisou ser levantada, pois toda a estrutura de Israel estava corrompida, incluindo os sacerdotes, os líderes e o povo. Como visto, a classe que mais deveria zelar para manter o processo de restauração em atividade, foi justamente quem deu o mau exemplo.

Os sacerdotes, com suas práticas pecaminosas, deixaram a intimidade com Deus de lado, oferecendo a Deus menos do que ele realmente merece, profanando o altar com sacrifícios declarados perfeitos, mas que na verdade eram coxos, cegos e doentes, violando as leis cerimoniais e comprometendo a adoração e o sistema expiatório, menosprezando totalmente toda e qualquer instrução e orientação divina representada pela obediência a lei.

O desejo de um sacerdócio que operasse na lei da verdade e que estivesse continuamente nos seus lábios, afastado de toda e qualquer prática de pecado, para que pudesse andar em retidão diante do Senhor e servir de exemplo a todo o povo, livrando-os de toda iniquidade, sempre esteve nos planos do Senhor.

A atualidade da mensagem de Malaquias aos “sacerdotes” de hoje é pertinente. No sentido de que não se pode abandonar a intimidade com Deus, esse é um privilégio que não deve ser negligenciado. Estar no “altar” é uma honra e servi-lo não pode se tornar um ato mecânico ou um fardo. E, por fim, obedecer a sua direção é proteção não apenas para si, mas para aqueles que lhe seguem.

---

<sup>8</sup> GREATHOUSE, 2005, p. 355.

<sup>9</sup> GREATHOUSE, 2005, p. 355.



## REFERÊNCIAS

**BÍBLIA DE ESTUDO NVI.** Kenneth Barker. São Paulo: Vida, 2003.

BRUCE, Frederick Fyvie (Edit. Geral). **Comentário Bíblico NVI:** Antigo e Novo Testamento. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2009.

GREATHOUSE In: REED, Oscar F.; PEISKER, Armor D.; DUNNING, H. Ray; GREATHOUSE William M. **Comentário bíblico Beacon** - Volume 5: Oseias a Malaquias. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

MACARTHUR, John F. **The MacArthur New Testament:** Ephesians. Chicago: The Moody Bible Institute, 1986.

REED, Oscar F.; PEISKER, Armor D.; DUNNING, H. Ray; GREATHOUSE William M. **Comentário bíblico Beacon** - Volume 5: Oseias a Malaquias. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.